



Histórias sem Data

MACHADO DE ASSIS

JVA EDITORA

MACHADO DE ASSIS

Histórias sem Data

Primeira publicação: 1884

Edição de domínio público

JVA Editora

HISTORIAS SEM DATA

OBRAS DO AUTOR

MEMORIAS POSTHUMAS DE BRAZ CUBAS	1 vol.
HISTORIAS SEM DATA	1 vol.
PAPEIS AVULSOS	1 vol.
HELENA	1 vol.
YAYÁ GARCIA	1 vol.
A MÃO E A LUVA	1 vol.
RESURREIÇÃO	1 vol.
PHALENAS, poesias	1 vol.
AMERICANAS, poesias	1 vol.
CHRYSLIDAS, poesias	1 vol.
CONTOS FLUMINENSES	1 vol.

HISTORIAS DA MEIA NOITE	1 vol.
TU SÓ, TU, PURO AMOR	1 vol.
OS DEUSES DE CASACA, comedia	1 vol.
DESENCANTOS	1 vol.
THEATRO	1 vol.

MACHADO DE ASSIS

HISTORIAS SEM DATA

A EGREJA DO DIABO—O LAPSO—ULTIMO CAPITULO
 CANTIGA DE ESPONSAES—UMA SENHORA
 SINGULAR OCCURENCIA—FULANO—CAPITULO DOS CHAPÉOS
 GALERIA POSTHUMA
 CONTO ALEXANDRINO—PRIMAS DE SAPUCAIA
 ANECDOTA PECUNIARIA—A SEGUNDA VIDA—EX-CATHEDRA
 MANUSCRITO DE UM SACRISTÃO
 AS ACADEMIAS DE SIÃO
 NOITE DE ALMIRANTE—A SENHORA DO GALVÃO

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER.—LIVREIRO-EDITOR
71—Rua do Ouvidor—77
—
1884.

Typ. lith. a vapor, encadernação e livraria LOMBAERTS & C.

INDICE

	PAGS.
<u>ADVERTENCIA</u>	vij
<u>A EGREJA DO DIABO</u>	1

<u>O LAPSO</u>	<u>17</u>
<u>ULTIMO CAPITULO</u>	<u>33</u>
<u>CANTIGA DE ESPONSAES</u>	<u>49</u>
<u>SINGULAR OCCURENCIA</u>	<u>57</u>
<u>GALERIA POSTHUMA</u>	<u>71</u>
<u>CAPITULO DOS CHAPÉOS</u>	<u>87</u>
<u>CONTO ALEXANDRINO</u>	<u>113</u>
<u>PRIMAS DE SAPUCAIA!</u>	<u>131</u>
<u>UMA SENHORA</u>	<u>147</u>
<u>ANECDOTA PECUNIARIA</u>	<u>161</u>
<u>FULANO</u>	<u>181</u>
<u>A SEGUNDA VIDA</u>	<u>191</u>
<u>NOITE DE ALMIRANTE</u>	<u>205</u>
<u>MANUSCRIPTO DE UM SACRISTÃO</u>	<u>219</u>
<u>EX CATHEDRA</u>	<u>235</u>
<u>A SENHORA DO GALVÃO</u>	<u>251</u>
<u>AS ACADEMIAS DE SIÃO</u>	<u>263</u>

ERRATA

Escaparam alguns erros typographicos faceis de emendar; entre outros, estes: *coser-lhe* por *coser* (pag. 43); *estar-lhe a contar* por *estar a contar-lhe* (pag. 182); *deram a força* por *lhe deram a força* (pag. 211); *evidente* mais por *evidentemente* mais (pag. 272), etc.

ADVERTENCIA

De todos os contos que aqui se acham ha dous que effectivamente não levam data expressa; os outros a tem, de maneira que este titulo *Historias sem data* parecerá a alguns inintelligivel, ou vago. Suppondo, porém, que o meu fim é definir estas paginas como tratando, em substancia, de cousas que não são especialmente do dia, ou de um certo dia, penso que o titulo está explicado. E é o peor que lhe póde acontecer, pois o melhor dos titulos é ainda aquelle que não precisa de explicação.

M. de A.

{1}

A EGREJA DO DIABO

CAPITULO I

DE UMA IDÉA MIRIFICA

Conta um velho manuscripto benedictino que o Diabo, em certo dia, teve a idéa de fundar uma igreja. Embora os seus lucros fossem continuos e grandes, sentia-se humilhado com o papel avulso que exercia desde seculos, sem organização, sem regras, sem canones, sem ritual, sem nada. Vivia, por assim dizer, dos remanescentes divinos, dos descuidos e obsequios humanos. Nada fixo, nada regular. Porque não teria elle a sua igreja? Uma igreja do Diabo era o meio efficaz de combater as outras religiões, e destruil-as de uma vez.

—Vá, pois, uma igreja, concluiu elle. Escriptura contra Escriptura, breviario contra breviario. Terei a minha missa, com vinho e pão á farta, as minhas predicas, bullas, novenas e todo o demais apparelho ecclesiastico. O meu credo será o nucleo universal dos espiritos, a minha igreja uma tenda de Abrahão. E depois, emquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será unica; não acharei diante de mim, nem Mahomet, nem Lutherio. Ha muitos modos de affirmar; ha só um de negar tudo.

Dizendo isto, o Diabo sacudiu a cabeça e estendeu os braços, com um gesto magnifico e varonil. Em seguida, lembrou-se de ir ter com Deus para communicar-lhe a idéa, e desafia-o; levantou os olhos, accesos de odio, asperos de vingança, e disse consigo:—Vamos, é tempo. E rapido, batendo as azas, com tal estrondo que abalou todas as provincias do abysmo, arrancou da sombra para o infinito azul.

CAPITULO II

ENTRE DEUS E DIABO

Deus recolhia um ancião, quando o Diabo chegou ao céu. Os seraphins que engrinaldavam o recém chegado, detiveram-se logo, e o Diabo deixou-se estar á entrada com os olhos no Senhor.

—Que me queres tu? perguntou este.

—Não venho pelo vosso servo Fausto, respondeu o Diabo rindo, mas por todos os Faustos do seculo e dos seculos.

—Explica-te.

—Senhor, a explicação é facil; mas permitti que vos diga: recolhei primeiro esse bom velho; dai-lhe o melhor logar, mandai que as mais afinadas citharas e alaúdes o recebam com os mais divinos córos...

—Sabes o que elle fez? perguntou o Senhor, com os olhos cheios de doçura.

—Não, mas provavelmente é dos ultimos que virão ter comvosco. Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vasia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata; em duas palavras, vou fundar uma igreja. Estou cansado da minha desorganisação, do meu reinado casual e adventicio. É tempo de obter a victoria final e completa. E então vim dizer-vos isto, com lealdade, para que me não accuseis de dissimulação... Boa idéa, não vos parece?

—Vieste dizel-a, não legitimal-a, advertiu o Senhor.

{4}

—Tendes razão, acudiu o Diabo; mas o amor proprio gosta de ouvir o applauso dos mestres. Verdade é que n'este caso seria o applauso de um mestre vencido, e uma tal exigencia... Senhor, desço a terra; vou largar a minha pedra fundamental.

—Vai.

—Quereis que venha annunciar-vos o remate da obra?

—Não é preciso; basta que me digas desde já por que motivo, cançado ha tanto da tua desorganisação, só agora pensaste em fundar uma egreja?

Diabo sorriu com certo ar de escarneo e triumpho. Tinha alguma idéa cruel no espirito, algum reparo picante no alforge da memoria, qualquer cousa que, n'esse breve instante da eternidade, o fazia crer superior ao proprio Deus. Mas recolheu o riso, e disse:

—Só agora conclui uma observação, começada desde alguns seculos, e é que as virtudes, filhas do céu, são em grande numero comparaveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão. Ora, eu proponho-me a puxal-as por essa franja, e trazel-as todas para minha egreja; atraz d'ellas virão as de seda pura...

—Velho rhetorico! murmurou o Senhor.

{5}

—Olhai bem. Muitos corpos que ajoelham aos vossos pés, nos templos do mundo, trazem as anquinhas da sala e da rua, os rostos tingem-se do mesmo pó, os lenços cheiram aos mesmos cheiros, as pupillas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do peccado. Vêde o ardor,—a indifferença, ao menos,—com que esse cavalheiro põe em lettras publicas os beneficios que liberalmente espalha,—ou sejam roupas ou botas, ou moedas, ou quaesquer d'essas materias necessarias á vida... Mas não quero